

## O MODALIZADOR *SE CALHAR*: EFEITOS DE SENTIDO

À Fernanda  
Os pássaros nascem na ponta das árvores  
As árvores que eu vejo em vez de fruto dão pássaros  
Os pássaros são o fruto mais vivo das árvores  
Os pássaros começam onde as árvores acabam  
Os pássaros fazem cantar as árvores  
Ao chegar aos pássaros as árvores engrossam movimentam-se  
deixam o reino vegetal para passar a pertencer ao reino animal  
Como pássaros poisam as folhas na terra  
quando o outono desce veladamente sobre os campos  
Gostaria de dizer que os pássaros emanam das árvores  
mas deixo essa forma de dizer ao romancista  
é complicada e não se dá bem na poesia  
não foi ainda isolada da filosofia  
Eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros  
Quem é que lá os pendura nos ramos?  
De quem é a mão a inúmera mão?  
Eu passo e muda-se-me o coração

Ruy Belo

**ABSTRACT:** The aim of this study is to analyse the discursive characteristics of *se calhar* in colloquial oral verbal interactions. Analyses already performed upon the grammaticalization of this expression highlight some features of its discursive functioning, related to the function of *se calhar* as a mechanism of modalization

This study thus explores the effects of meaning triggered by *se calhar* when we consider the interrelationships that modalization, as conceived by Vion, establishes with other discursive dimensions, namely the construction of the speaker's ethos, the speaker's enunciative (non) responsibility, the mitigation of illocutionary force and interactional / interpersonal relationships supporting the negotiation of a consensual relationship with the addressee.

**KEYWORDS:** colloquial register, dialogism, face work, modalization, responsibility, *se calhar*.

### 1. Introdução

No decorrer de uma conferência, intitulada *Itinerário brasileiro de um analista do discurso. A enunciação em todos os momentos da vida*, realizada no Brasil, Charaudeau, refletindo sobre questões multiculturais e discursivas, dá como exemplo o seu encontro com o povo brasileiro e a língua portuguesa:

Il y a bien longtemps, un Français fut mangé par les autochtones de ce pays.

Plusieurs siècles plus tard, *un autre français a débarqué dans ce pays*, invité par d'autres habitants issus de divers moments d'immigration. Ce français ne fut pas mangé, mais complètement absorbé, *phagocité, par le sentiment brésilien*.

En arrivant, pour la première fois à l'aéroport de São Paulo, il demanda à un porteur s'il pouvait le conduire avec sa valise jusqu'à un taxi. Il lui répondit « Je pense que oui ». « *Je pense que...* », *acte de modalisation énonciative*. *Le Français pensa* : « *voilà un peuple qui sait ce qu'est l'énonciation* ».

Charaudeau, *s/d*

O humor de Charaudeau tem ancoragem metadiscursiva. A *modalização enunciativa* sobressai como uma característica do povo brasileiro. Mas poderíamos acrescentar que esse juízo avaliativo talvez só ocorra porque Charaudeau conhece menos bem Portugal. Ou teria dado conta desta insistência modalizadora, de que são exemplo os excertos do *corpus* da *fala bracarense*, a seguir apresentados:

1. mas gostava de, *se calhar*, ir para outro sítio.
2. Mas hoje, *se calhar*, já é um bocado diferente
3. Por isso, *se calhar*, não sei.
4. ••• Eu não sei. Mas, *se calhar*, o RTP2
5. *se calhar* vamos lá na quinta feira ou *se calhar* nem vamos
6. Eu não sei, *se calhar* é os que eu conheço. Mas não sei, não é.
7. E eu, *se calhar*, faço parte dessas pessoas

O objetivo deste trabalho é analisar as ocorrências e funcionamentos de *se calhar* em interações verbais orais coloquiais. As análises já realizadas sobre a gramaticalização desta expressão põem em evidência funcionamentos discursivos que apontam para a função de modalizador de *se calhar*<sup>1</sup>. O objetivo é, pois, explorar os efeitos de sentido que *se calhar* desencadeia quando são consideradas as relações que a modalização, tal como a concebe Vion, estabelece com outras dimensões discursivas, nomeadamente a construção do *ethos* do locutor, a (des)responsabilização enunciativa, na convocação de outros pontos de vista, a atenuação da força ilocutória e as relações interacionais/interpessoais, que sustentam a negociação de uma relação de consenso com o alocutário.

## 2. Quadro teórico e metodológico: usos e funcionamentos discursivos de *se calhar*

### 2.1. Metodologia

O trabalho realizado de análise de *se calhar* teve por base interações verbais orais autênticas, determinadas pelo género discursivo *entrevista sociolinguística*<sup>2</sup>.

São dados orais coloquiais<sup>3</sup>, recolhidos no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009. O *corpus* é constituído por 80 entrevistas sociolinguísticas semidirigidas (Labov, 1972), com duração de 1 hora, que constituem uma amostra estratificada, segundo as variáveis *idade*, *sexo* e *escolaridade*. Relativamente aos parâmetros *escolaridade* e *idade*, foram consideradas, respetivamente, as seguintes categorias: A: analfabeto-3ª classe; B: 4ª classe-9º ano; 10º-12º ano; D: licenciado; 1: 15-25 anos; 2: 26-59; 3: 60-75; 4: +75.

O facto de ser uma amostra estratificada permitir-nos-á apontar algumas características de *se calhar*, relacionadas com os parâmetros referidos, mas que no entanto não aprofundaremos, dado termos determinado como objetivo primeiro a análise dos seus efeitos de sentido.

A fim de confirmar a prevalência de *se calhar* em contextos orais coloquiais, fizemos o levantamento das ocorrências deste e também de *talvez*, um modalizador com características similares, mas sem as marcas de coloquialidade que considerámos que caracterizam o primeiro. Esta análise foi complementada pela comparação com as ocorrências de ambos, *se calhar* e *talvez*, no Cetempúblico, um *corpus* escrito, marcado por um registo considerado formal.

Apesar desta atenção a fatores quantitativos e ao contributo que podem trazer a esta investigação, é de notar que a análise feita é essencialmente de natureza qualitativa.

### 2.2. Abordagem enunciativa da modalização

Como refere Monte (2014), a questão da modalidade /modalização é uma questão complexa, não isenta de dificuldades teóricas e metodológicas ainda por resolver (e que não iremos aqui considerar). A centralidade da modalização na organização enunciativa dos discursos é, contudo, inegável.

Optamos pela definição de *modalização* elaborada por Vion, ainda que reconheçamos, como aliás também salienta a autora, que a distinção estabelecida por Vion entre *modalidade* e *modalização* necessita de maior aprofundamento e discussão.

<sup>1</sup> Lima (2008) e Batoréo (2010). Para casos similares em espanhol, ver Negroni (2013).

<sup>2</sup> Convenções de transcrição: foram usados sinais de pontuação com os valores estabelecidos pelas regras de escrita (., ?, !,); indicações não verbais, paraverbais, passagens incompreensíveis, onomatopeias: ((onomatopeia)); passagem duvidosa: (acho que); pausa breve: ••; pausa longa: •••; reformulação: ele/ela; repetição: na na na; ; ênfase: BEM; interrupção: ...; enumeração: é assim: dois livros, um lápis; sobreposição de falas: (aaa); sinais paraverbais: ((aaa)); excertos incompreensíveis ((aaa)); identificação da entrevista: (ex. 13H2B) número da entrevista (13), sexo do entrevistado (H), idade (2), escolaridade (B); estruturas em análise: itálico.

<sup>3</sup> Sobre a natureza coloquial do *corpus* “fala bracarense”, ver Marques (2015).

Vion tem retomado a questão em diferentes textos e ocasiões, pelo que parto da definição apresentada em 2010, que sublinha a específica natureza polifónica da modalização (*double énonciation*)<sup>4</sup>, ao serviço de um comentário metadiscursivo:

la modalisation se définit comme *une double énonciation* par laquelle le locuteur *commente de manière réflexive un énoncé qu'il est en train de produire*. Il s'agit donc d'un cas particulier de double énonciation et plus précisément d'un *dédoublement énonciatif*.<sup>5</sup>

Vion (2010: 7)

As consequências deste funcionamento discursivo são organizadas pelo autor segundo três dimensões:

- a) Opacificação do semantismo do enunciado
- b) Complexificação do posicionamento dos atores discursivos
- c) Ancoragem do enunciado em exteriores discursivos.

### 3. *Se calhar* – estudos realizados

A análise de *se calhar* foi feita por Lima (2008) e retomada por Batoréo (2010), mas a propósito do seu processo de gramaticalização. Segundo Batoréo (2010:101), que retoma as propostas de Lima (2008), a gramaticalização de *se calhar* apenas ocorreu no PE, estando “totalmente ausente do PB”.

Quanto ao processo de gramaticalização, a mesma autora adianta que esta se fez no sentido da aquisição de um valor modalizador, epistémico, tornando *se calhar* sinónimo de *talvez*:

Partindo da construção condicional com o verbo ‘calhar’, chega-se à construção *modalizada*, sinónima da modal ‘talvez’, fortemente subjetivizada, na qual é focada a falta de certeza e a preferência (negativa) do falante.

Batoréo (2010: 101-102)

Hanna Batoréo retoma assim a investigação de Lima (2008: 64), o qual salienta que, no processo de gramaticalização em curso, “...*se calhar* is changing, at the grammatical level, from the expression of possibility to that of uncertainty and, from there, to that of (negative) preference”.

#### 3.1. Ocorrências de *se calhar* no *corpus* da *fala bracarense*

Como ponto de partida para a análise desta estrutura, pela comparação entre os dois *corpora*, *fala bracarense* e Cetempúblico, apenas a distinção oralidade e escrita foi tida em conta<sup>6</sup>. Considerámos as ocorrências de *se calhar* em comparação com as ocorrências de *talvez*, um advérbio com o qual *se calhar* tem sido comparado: “In the end, *se calhar* ceases to express a real condition and becomes simply a means of conveying the meaning “possibly” or “maybe”. (Lima, 2008: 55); “Partindo da construção condicional com o verbo ‘calhar’, chega-se à construção *modalizada*, sinónima da modal ‘talvez’” (Batoréo, 2010: 102).

A recolha das ocorrências de *se calhar* quer na base de dados Cetempúblico quer no *corpus* da *fala bracarense* atesta a ocorrência deste modalizador, mas, quando confrontado com as ocorrências de *talvez*, parece ser claro que *se calhar* é preferido em interações verbais orais coloquiais face a *talvez* que predomina na escrita:

	Cetempúblico	Fala bracarense
<i>talvez</i>	26 253	170

<sup>4</sup> Kiersti Flottum (2014 : 5) fala de polifonia interna : « La modalisation réalisée par peut-être est ou peut être un exemple de polyphonie interne. ».

<sup>5</sup> O autor continua: « Des modalisateurs comme justement, décidément, forcément, effectivement, certainement, sans doute, constituant des commentaires réflexifs qui non seulement opacifient le sémantisme de l'énoncé sur lequel ils portent [Authier-Revuz (1998)], [Vion (2001, 2006c)] et complexifient le positionnement des acteurs [Maury-Rouan, Vion & Bertrand (2007)], mais ancrent également cet énoncé sur des extérieurs discursifs [Vion (2006a, 2006b, et à paraître)]. » (Vion, 2010: 7).

<sup>6</sup> É, sem dúvida, uma categorização ampla, mas adequada ao enquadramento da questão, ainda que consideremos a necessidade, numa fase mais avançada, de uma maior especificidade na determinação dos diferentes registos ligados às diferentes situações de comunicação e géneros discursivos em causa.

<i>se calhar</i>	2 243	446
------------------	-------	-----

Quadro 1 – ocorrências de *se calhar* e *talvez*

Considerando apenas o *corpus* da fala bracarense, a atenção ao número de ocorrências na relação com os parâmetros *sexo*, *idade* e *escolaridade* evidencia algumas características que abrem perspectivas de análise interessantes.

Mais de metade das entrevistas que constituem o *corpus* apresenta ocorrências de *se calhar*: 52 num total de 75 entrevistas. Destas, 27 são entrevistas com mulheres e 25 com homens:

	ESCOLARIDADE				Total de entrevistas
	A	B	C	D	
Homens	1	7	8	9	25
Mulheres	3	7	7	10	27
	4	14	15	19	52
	IDADE				
	1	2	3	4	
Homens	8	7	6	4	25
Mulheres	9	7	5	6	27
	18	16	14	14	

Quadro 2 – entrevistas com ocorrências de *se calhar*

No que concerne à variável *escolaridade*, encontramos uma progressão nas entrevistas com ocorrências de *se calhar*; de facto, com o aumento do nível de escolaridade, cresce também o número de entrevistas com este tipo de ocorrências. Esta é uma progressão uniforme no que concerne aos dois grupos, de homens e mulheres.

Quando se considera a variável *idade*, há um comportamento similar nos dois grupos, ainda que menos sistemático, mas em sentido inverso, na medida em que com o aumento da idade diminui o número de entrevistas com este modalizador.

Da análise dos resultados do quadro 3, sobressai o facto de, no total de ocorrências nas 52 entrevistas, haver resultados globais diversos para cada grupo (homens/mulheres): nas 25 entrevistas com informantes masculinos há 285 ocorrências de *se calhar* contra apenas 161, nas 27 entrevistas de informantes femininos. Os homens usam *se calhar* mais do que as mulheres.

Como já constatado para o número de entrevistas, no que concerne ao parâmetro da escolaridade, os homens e mulheres mais escolarizados usam mais *se calhar* que os menos escolarizados. Também os informantes jovens usam mais *se calhar* que os mais velhos:

	ESCOLARIDADE				Total de ocorrências
	A	B	C	D	
Homens	2	53	84	146	285
Mulheres	4	52	44	61	161

					446
	IDADE				
	1	2	3	4	
Homens	98	81	97	9	285
Mulheres	104	38	13	6	161
	202	119	110	15	446

Quadro 3 – ocorrências de *se calhar* [idade e escolaridade]

A análise da relação entre idade e escolaridade, no quadro 4 abaixo apresentado, mostra comportamentos diferentes nos dois grupos (H/M). No caso do grupo masculino, há uma progressão sistemática, interna a cada grupo etário, na ocorrência de *se calhar*, que acompanha o aumento da escolaridade; apenas o último grupo constitui uma exceção. Esta progressão não se verifica no grupo feminino. Sobressai, pois, o facto de que os homens apresentam valores intra e intergrupos mais constantes que as mulheres, no uso de *se calhar*<sup>7</sup>:

IDADE + ESCOLARIDADE																
	1A	1B	1C	1D	2A	2B	2C	2D	3A	3B	3C	3D	4A	4B	4C	4D
H	Ø	26	22	50	Ø	7	25	49	2	14	37	44	Ø	6	Ø	1
M	Ø	31	35	38	Ø	14	7	4	2	6	1	3	2	1	1	2

Quadro 4 – ocorrências de *se calhar* [relação idade - escolaridade]

### 3.2. Usos e funcionamentos de *se calhar*

Apesar do processo de gramaticalização de *se calhar*, que segundo os autores acima citados evolui de construção condicional para expressão adverbial<sup>8</sup>, os valores discursivos desta estrutura não são alheios nem ao semantismo do verbo *calhar* nem à estrutura condicional. *Calhar* é um verbo não agentivo, com o traço [-controlo]<sup>9</sup>, ou um *sujeito inativo*, segundo o *Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (1990), e possui um valor semântico que poderemos classificar como [+aleatório]. O enunciado seguinte dá conta destas duas características:

Este ano o 25 de abril *calha* a um sábado. *Calha* bem, porque assim posso descansar.

A construção condicional de *se calhar* acentua este carácter aleatório e não controlado da situação representada, ao agregar estas características do verbo a um novo valor semântico de hipótese<sup>10</sup>:

Se *calhar* em caminho, passo na lavandaria.  
Se se proporcionar, passo na lavandaria.

#### 3.2.1. Ocorrências na sequencialidade discursiva

Quanto à inserção de *se calhar* no enunciado, e ao contrário de *talvez*, esta forma não condiciona a construção sintática do enunciado, como 1) e 1') exemplificam:

<sup>7</sup> É evidente que esta é uma perspetiva meramente descritiva das ocorrências de *se calhar*; não foi feito nenhum tratamento estatístico destes dados que pudesse, por exemplo, chegar a conclusões sobre diferenças de ocorrências estatisticamente significativas.

<sup>8</sup> "...this expression functions here as an adverb" (Lima, 2008: 53)

<sup>9</sup> O recurso a esta classificação não pressupõe uma adesão à perspetiva teórica de traços mínimos de conteúdo como condições necessárias e suficientes.

<sup>10</sup> Sobre outros valores de *calhar* que condicionam a mudança no processo de gramaticalização, ver Lima (2008: 53-54).

1) deixa de ser um livro tanto para crianças, mas mais para um público adulto e jovem, não é? • • Lá está. Ela jogou, *se calhar*, com isso ou... • • • As crianças começaram a ler, foram crescendo e ela, *se calhar*, pensou que, *se calhar*, pôr coisas, nas histórias assim um bocado mais sombrias já não afetava tanto. (52M1D)

1') deixa de ser um livro tanto para crianças, mas mais para um público adulto e jovem, não é? • • Lá está. Ela jogou Ø com isso ou... • • • As crianças começaram a ler, foram crescendo e ela Ø pensou que Ø pôr coisas, nas histórias assim um bocado mais sombrias já não afetava tanto.

O lugar de ocorrência de *se calhar* no enunciado, a sua distribuição, é variável, podendo ocorrer em posição inicial, medial ou final, com escopos diversos, modalizando partes do enunciado, (2) e (3), ou o enunciado inteiro (4):

2) • • • Bom, não ia fazer grande coisa. • • *Se calhar*, uma boa parte, se fosse um grande um grande valor • • uma grande parte havia de ajudar as pessoas (27H3B)

3) (Por) que • • o castigo é muito mais exemplar do que, *se calhar*, uma sapatada. (19H2D).

4) não achei que era a minha vocação ou algo do género. • • Mas, foi escolhi mesmo só por • • falta de melhor ideia, *se calhar*. (08H1D).

Em muitos dos exemplos considerados, a construção *se calhar* ocorre encaixada em processos de reformulação, que constituem modos de negociação de sentidos e da relação interacional. Pela sua função modalizadora, *se calhar* participa desta negociação discursiva:

5) Coisas íntimas e inapropriadas, exato. E que, pelo menos os que eu conheço são todos assim. • • Eu não sei, *se calhar* é os que eu conheço. Mas não sei, não é. (46M1B)

6) Acho que sim, que que *se calhar* tinha • • tinha sido... (Quer dizer), o interessante tinha sido não ser preciso. • • • Isso é que tinha sido interessante (66M1D)

7) ((hesitação)) Tenho essa vantagem de, em termos de idade, tu conseguires • • manter • • ((hesitação)), que nesta altura *se calhar* nem é vantagem, • • porque eu não vejo • • tanta gente, tantas • • empresas ou tantos hospitais ou instituições a (07H1D)

### 3.2.2. *Se calhar*: modalização e desdobramento enunciativo

Como refere Vion a propósito das características da modalização, no uso de *se calhar*, o locutor opera um desdobramento enunciativo; põe em cena dois enunciadores (E<sub>1</sub> e E<sub>2</sub>), segundo o esquema

E<sub>1</sub> : X

E<sub>2</sub>: *se calhar* [X]

Neste confronto de pontos de vista, o locutor (L) assimila-se a E<sub>2</sub>, ao ponto de vista avaliativo que obscurece o posicionamento do locutor. Estamos perante um enunciado dialógico<sup>11</sup>. O exemplo abaixo permite concretizar a explicação desse processo:

8) tem que se estudar. • • E muitas pessoas acho que se acabam por • • não é?, por se perder aqui um bocado porque, *se calhar*, pensam que não estudando, só ir às aulas, conseguem boas notas, não é? (52M1D)

De facto, a um enunciado assertivo (8'), cuja validade garante (Ducrot, 1984), o locutor (L) vai sobrepor um comentário modalizador (8''):

8') tem que se estudar. • • E muitas pessoas acho que se acabam por, • • não é?, por se perder aqui um bocado porque [*pensam que não estudando, só ir às aulas, conseguem boas notas*], não é?

8'') *SE CALHAR* [*pensam que não estudando, só ir às aulas, conseguem boas notas*]

<sup>11</sup> Ou polifónico. Não é consensual o uso destes dois termos e respetivos conceitos. Para conhecer uma discussão ainda em curso, veja-se Brès et al. (2005) e Vion (2010 e 2011).

A modalização opera preferencialmente sobre crenças e opiniões próprias e alheias. Por isso pode cocorrer com verbos de opinião, como *achar* e *pensar*, verbos de opinião fraca, segundo Vet (1994), que aplica a mesma categorização a *talvez* (*peut-être*)<sup>12</sup>:

9) não é não é salutar nem nem/ e é condenável. • • É o que eu *penso* realmente sobre sobre as reformas, porque, • • • *se calhar*, • • • ((hesitação)) as reformas ((hesitação)) se formos ver a maioria • • são reformas de miséria, (31H3D)

10)se deve falar • • bem, não é? • • • E ((hesitação)) *acho* que • • • ((hesitação)), não é?, a comunicação social, *se calhar*, não é daquelas que dá assim o bom exemplo, • • o melhor exemplo, (52M1D)

A natureza dialógica do processo de modalização potencia efeitos de sentido vários, que incidem sobre (a) a construção da responsabilidade enunciativa; (b) a força ilocutória do enunciado em que se encaixa e (c) a relação interacional. Em simultâneo, *se calhar*, serve o processo discursivo de figuração.

a) *Se calhar* é um atenuador da força ilocutória. Ocorre neste *corpus* em enunciados com valor ilocutório assertivo. Não fica excluída a ocorrência com outros tipos de atos ilocutórios diretos e indiretos<sup>13</sup>, nomeadamente os diretivos, mas as características de género destas interações são determinantes para a prevalência dos primeiros.

A assertividade é atenuada pela ocorrência do modalizador, ganhando valor de (im)possibilidade:

11)• • É/ até se vê pela/ pelos professores. • • ((hesitação)) • • Não sei, eu, *se calhar*, eu é que sou demasiado exigente. (50M1C)

Esta atenuação tem consequências na construção da imagem de si. O locutor elabora um *ethos* não impositivo, prudente, que sobressai particularmente quando *se calhar* coexiste com outros modalizadores mais assertivos. No exemplo (12), o locutor começa por uma modalidade assertiva forte, com valor de certeza, marcada pela forma verbal *aposto*; manifesta o seu comprometimento com a verdade de um facto, que vai de imediato modalizar com *se calhar*, que o “descompromete” relativamente à validade do ato assertivo (*SE CALHAR* [as pessoas não sabiam que aquilo era uma adaptação de um livro do Eça de Queirós]):

12) • • Talvez. • • *Aposto* que a maior parte das pessoas que foram ver aquilo não sabiam que aquilo era, *se calhar*, era uma adaptação de um de um livro, não é?, do Eça de Queirós. • • • Sabes como é que as pessoas aqui lidam com a (52M1D)

A função atenuadora de *se calhar* pode potenciar, contudo, efeitos de sentido diferentes. De facto, se nas interações em análise o locutor evita uma imagem de dogmatismo na explanação das suas crenças e opiniões, nem por isso fica excluída a possibilidade de construir também, pelos mesmos mecanismos, um *ethos* de indecisão, como no exemplo seguinte, criado pela repetição de *se calhar*:

13) mas depois de conhecer a pessoa e de me dar às vezes também com os amigos começo a perceber que *se calhar* a pessoa ou é uma boa companhia e posso confiar ou ou é uma boa companhia na mesma, mas *se calhar* se contar vai-me fugir depois *se calhar*... (47M1B)

Trata-se de aventar uma explicação (uma hipótese de explicação) para a qual o locutor não tem evidência; *se calhar* assegura essa leitura preferencial e, por isso, é compatível com estruturas de negação, como em (14):

14) para as pessoas verem, não é? para para comentar livros. • • • Coisa que aqui que *aqui não há*. Aqui, a RTP2, *se calhar*. *Não sei*. (52M1D)

<sup>12</sup> Ver também Borillo (2004).

<sup>13</sup> A modalização da força ilocutória de um ato indireto está presente no exemplo abaixo. O locutor modaliza a asserção para prevenir uma interpretação de um ato indireto de autoelogio pelos resultados escolares obtidos: “Eu vou... A falar por mim, acho que o segundo semestre correu sempre melhor. *Se calhar*, as cadeiras do segundo semestre eram mais fáceis. • •” (21H2D).

Na explicitação da opinião, ocorre um ato assertivo com valor epistémico de certeza, seguido de um segundo ato assertivo com valor epistémico de possibilidade, que decorre do comentário reflexivo, com *se calhar*, para chegar a um terceiro ato assertivo, em que o locutor se distancia do dito e afirma a sua ignorância na matéria.

Ou seja, o locutor decide abrir uma possibilidade de explicação que não vai sustentar. Há uma *reformulação* do discurso mas não há reorientação discursiva, porque *se calhar* produz um abaixamento nesse processo de reformulação, o que a inviabiliza

*b) Se calhar* é um mecanismo de construção da (não) responsabilidade enunciativa<sup>14</sup>. Em contexto dialógico como o que apontámos para o funcionamento de *se calhar*,

a responsabilidade enunciativa exerce-se relativamente a valores, ganha uma vertente axiológica para além da vertente epistémica; o locutor não é apenas o garante de uma verdade é também o responsável por uma ação avaliadora que orienta argumentativamente o seu discurso.

Marques (2013:148).

No caso vertente, ao operar o desdobramento enunciativo, o locutor põe em cena um enunciador a que se assimila, distanciando-se do ponto de vista veiculado no enunciado assertivo, que atribui a um outro enunciador:

15) Também há muitos ladrões. ••• Ou houve. •• E *se calhar* também continua haver. (37H4B)

O locutor adota uma posição de prudência que lhe permite preservar a face. Por isso, e como refere Vion, sendo um comentário reflexivo, é causa de opacificação<sup>15</sup>. A modalização é fator de opacidade enunciativa porque funciona como um filtro que o locutor aplica ao enunciado.

No exemplo (16) a desresponsabilização do locutor, operada pelo comentário metadiscursivo, permite a coocorrência de estruturas anti-orientadas, aparentemente paradoxais. O locutor emite uma opinião [vai chegar ao limite] que vai, de seguida, invalidar [não sei]; a modalização por *se calhar* permite articular os dois enunciados e superar a contradição:

16)((incompreensível)) *Se calhar* vai chegar ao ao ((hesitação)) limite, *se calhar, não sei*. (38H4B)

O distanciamento enunciativo, e desresponsabilizador do dizer que *se calhar* opera, é em si antitético: porque desresponsabiliza ao ponto de propiciar a insinuação (13), mas acautela também a pertinência, a validade e adequação do “dito” (14). Os exemplos abaixo dão conta destes funcionamentos:

17) Que é que eles fazem com esse/ ((hesitação)) com esses subsídios. *A gente vê que eles... ((hesitação)) se calhar vão mas é para o bolso de alguns*. Olhe não sei. Eu eu confesso-lhe que não... •• Não sei (76M3D)

18) a ganhar mais uns troquinhos, começou •• começou lentamente a •• a ter mais possibilidades para para nos dar *se calhar uns miminhos* mais um bocadinho. •• Pronto, até que ao fim depois de doze anos o meu pai lá veio (18H2C)

*c) Se calhar* é um mecanismo de aproximação ao interlocutor. Este comentário reflexivo é, finalmente, um modo de negociação discursiva da relação interpessoal ou interacional. O locutor faz uma aproximação ao alocutário para a negociação do sentido, como já vimos, mas também para a construção de uma relação

<sup>14</sup>A responsabilidade enunciativa organiza-se em duas subcategorias: “A responsabilidade enunciativa1 é a responsabilidade enunciativa inerente ao facto de o locutor estar na origem da enunciação, do discurso em que participa, enquanto lhe cabem as escolhas e estratégias discursivas, no quadro obviamente regulador do género, dos interlocutores, dos objetivos e do espaço institucional em que se integra. Cabe-lhe neste quadro monolocal da notícia jornalística gerir o discurso. [...]. A responsabilidade enunciativa2 está integrada na responsabilidade enunciativa1, que é global e constitutiva. Deriva das relações do locutor com as vozes que traz para o discurso, sejam vozes internas (os enunciadores de Ducrot) sejam vozes externas, trazidas pelo discurso relatado. Face às vozes que traz para o discurso, o locutor escolhe posicionar-se e atenuar ou amplificar a relação de acordo ou desacordo, proximidade ou afastamento, que necessariamente estabelece com elas. Mas é um jogo que não anula a responsabilidade enunciativa do locutor.” (Marques, 2013: 147:148)

<sup>15</sup> «Ce commentaire réflexif entraîne une distanciation dans la prise en charge de l'énoncé et donc une certaine opacification du sens de l'énoncé modalisé du fait d'une moindre prise en charge.» (Vion, 2011: 249).

de consenso e preservação da face de ambos; os marcadores fáticos que as perguntas de confirmação constituem sublinham esse processo de negociação, com consequências na construção das imagens própria e alheia:

19) Eu acho que, *se calhar*, começa logo por/ os apoios que têm, *não é?* São muito menores. • • ((hesitação)) • • isso, *se calhar*, influencia muito, *não é?* (27H3B)

20) • • Porque nós, mesmo assim/ *vocês, se calhar não conhecem bem.* • • Não te/ aqui não há o reboiço da cidade. (29H3C)

#### 4. Conclusões

*Se calhar*, modalizador, instaura um distanciamento do locutor relativamente a um ponto de vista que traz para o discurso. Caracteriza-se por valores discursivos complexos, que podem coocorrer no mesmo enunciado. Veja-se, por exemplo, o excerto (12) acima apresentado; combina a atenuação da assertividade com a negociação de um acordo com o alocutário. E a imagem de si, é, em consequência, modelada por estes procedimentos discursivos.

Apesar da mudança de estrutura condicional a advérbio, ocorrida no processo de gramaticalização, mantém um forte valor hipotético e por isso permite construir “ficções”. Retomando um exemplo acima referido, veja-se o encaixe de *se calhar* em relato de discurso, como comentário de opiniões próprias e alheias, que o locutor não pode ou não quer garantir:

21) • • • As crianças começaram a ler, foram crescendo e ela, *se calhar*, pensou que, *se calhar*, pôr coisas, nas histórias assim um bocado mais sombrias já não afetava tanto. (52M1D)

L<sub>1</sub>: *Se calhar*<sub>a</sub> [pensou que, se calhar, pôr coisas, nas histórias assim um bocado mais sombrias já não afetava tanto.]

L<sub>2</sub>: *Se calhar*<sub>b</sub> [pôr coisas, nas histórias assim um bocado mais sombrias já não afetava tanto.]

*Se calhar* permite representar opiniões sobre tudo: o que poderá ocorrer, o que poderá ter ocorrido, o que os outros pensam, justificar situações imprevistas ou nas quais nunca se pensou, porque é desresponsabilizador (no que concerne à responsabilidade<sub>2</sub>), preservando a face do locutor.

Permite, também, manter ou criar um relacionamento interacional de consenso, de proximidade, associado a um *ethos* contemporizador, não dogmático:

22) *Sim, sim, sim, sim! Penso que evitei todos, evitei tudo. Já podia ter fugido algum. Mas se calhar disse mesmo.* (13H2B).

Mas a modalização das convicções pode acarretar também a construção de um *ethos* de indeciso que é negativo, nomeadamente na relação com o género discursivo em que ocorre.

Finalmente, não é de descuidar o facto de *se calhar* poder funcionar como pontuador ou marcador conversacional. A acumulação de modalizadores e a coocorrência com pausas, bem como os processos reformulativos em que se encaixa, permitem prever esse funcionamento.

A consideração dos dados quantitativos, a que nos dedicámos no início deste trabalho ainda que de forma breve, permite colocar a questão pertinente da relação entre os contextos discursivos das ocorrências, as variáveis idade, sexo e escolaridade e os efeitos de sentido de *se calhar*, preferencialmente usado por informantes mais jovens e mais escolarizados. São questões de competência pragmática e discursiva a que não tivemos a pretensão de responder neste trabalho mas que merecem sem dúvida um tratamento aprofundado.

#### Referências bibliográficas

Batoréo, Hanna (2010). Gramaticalização na língua portuguesa: uma abordagem contrastiva dos estudos desenvolvidos em Português europeu (PE) e em Português do Brasil (PB). *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies* 5, pp. 95-107.

Borillo, André (2004). Les « Adverbes d’opinion forte » selon moi, à mes yeux, à mon avis, ... : point de vue subjectif et effet d’atténuation. *Langue française* 142, pp.31-40.

- Brès, Jacques. *et al* (ed) (2005). *Dialogisme, polyphonie: approches linguistiques*, Actes du colloque de Cerisy, Bruxelles : De boeck – Duculot.
- Charaudeau, Patrick (s/d). Itinéraire brésilien d'un analyste du discours. L'énonciation dans tous les moments de la vie. <http://www.patrick-charaudeau.com/Itineraire-bresilien-d-un-analyste.html> (acesso: 12 de fevereiro de 2015).
- Ducrot, Oswald (1984). *Le Dire et le Dit*, Paris: A. Colin.
- Flottum, Kiersti (2014). Les liens énonciatifs: tentative d'une nouvelle typologie. <http://www.hum.au.dk/romansk/polyfoni/>
- Lima, José Pinto (2008). Ongoing lexicalization and grammaticalization: A case from European Portuguese. In Maria Clotilde Almeida, Bernd Sieberg & Ana Maria Bernardo (ed). *Questions on language change*, Lisboa: Colibri, pp.49-67.
- Marques, Maria Aldina (2013). Construir a responsabilidade enunciativa no discurso jornalístico. *Redis: revista de estudos do discurso*, nº 2, pp. 139-165.
- Marques, Maria Aldina (2015). O discurso direto em interações orais coloquiais. In Maria Aldina Marques & Xosé Manuel Sánchez Rei (ed). *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português, Monografia 10. Revista Galega de Filoloxía*, Universidade da Corunha, pp. 89 – 109.
- Negroni, Maria Marta (2013). Marqueurs de discours et distanciation: une étude contrastive de peut-être, capaz et por ahi. *Estudios Románicos*, 22, pp. 53-64.
- Vet, Co (1994). Savoir et croire. *Langue française*, 102, pp.56-68.
- Vion, Robert (2010). Polyphonie énonciative et dialogisme. *Colloque international Dialogisme: langue, discours*, Montpellier. <http://recherche.univ-montp3.fr/praxiling/spip.php?article264>.
- Vion, Robert (2011). Dialogisme et polyphonie. *Linha d'Água*, 24 (2), pp. 235-258.
- Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (1990), S. Paulo: Ed. UNESP.

*Corpora :*

- Cetempúblico – Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público.  
<http://www.linguateca.pt>  
 Perfil sociolinguístico da Fala bracarense.  
<https://sites.google.com/site/projectofalabrarense>.